

INFLUÊNCIA DAS GREVES SOBRE O BEM-ESTAR DO DOCENTE NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR¹²

Influence of strikes on professor's welfare in higher education institutions

Andressa Aguiar Araújo ³

Universidade Estadual do Ceará⁴
Fortaleza, Ceará, Brasil.

Ana Cristina Batista-dos-Santos ⁵

Universidade Estadual do Ceará
Fortaleza, Ceará, Brasil.

Jorge Luiz de Souza Evaristo ⁶

Universidade Estadual do Ceará
Fortaleza, Ceará, Brasil.

Ana Raquel Silva Rocha ⁷

Universidade Estadual do Ceará
Fortaleza, Ceará, Brasil.

Resumo

O texto apresenta os resultados de uma pesquisa que possui como objetivo compreender a influência das greves para o bem-estar do docente em Instituições de Ensino Superior (IES). Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa que utilizou a entrevista semiestruturada como técnica de coleta de dados. Para sua operacionalização, utilizou-se uma estrutura de tópicos-guia e elemento-estímulo. Foram entrevistados cinco profissionais docentes; entre eles estavam dois professores gestores e três professores não-gestores. Após a transcrição e imersão nas falas, as mesmas foram categorizadas utilizando-se a técnica da Análise dos Núcleos de Sentido (ANS). Identificaram-se cinco temas principais: i) Representações sobre o Trabalho Docente; ii) Representações sobre os Discentes; iii) [Opiniões sobre] greve; iv) Dificuldades; v) Adoecimento. Da análise e discussão das narrativas, conclui-se que o grupo de profissionais entrevistado elabora discursivamente os impactos das greves nas suas vivências profissionais, os associando com as dificuldades das instituições em que trabalham. As preocupações com os problemas de aprendizado dos alunos, a sobrecarga psíquica e ao adoecimento.

Palavras-chave: Docente; Greve; Bem-estar.

¹ Editora responsável pela avaliação: Prof.^a Dr.^a Liliam Deisy Ghizoni.

² Copyright © 2022 Araújo et. al. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons - Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

³ andressa.aguiar.1204@gmail.com

⁴ Av. Dr. Silas Munguba, 1700 - Itaperi, Fortaleza - CE, 60714-903

⁵ ana.batista@uece.br

⁶ evaristo.jls87@gmail.com

⁷ raquel.silva@aluno.uece.br

Abstract

The text presents the results of a research that aims to understand the influence of strikes on the well-being of professors at Higher Education Institutions (HEI). Methodologically, this is a qualitative research that used the semi-structured interview as a data collection technique. For its operationalization, a structure of topic-guide and element-stimulus was used. Five professors were interviewed; among them were two managing professors and three non-managing professors. After transcription and immersion in the speeches, it was categorized using the Nucleus of Sense Analysis (NSA) technique. Five main themes were identified: i) Representations on Teaching Work; ii) Representations about Students; iii) [Opinion on] strike; iv) Difficulties; v) Illness. From the analysis and discussion of the narratives, it is concluded that the group of professionals interviewed discursively elaborates the impacts of strikes on their professional experiences, associating them with the difficulties of the institutions in which they work. Concerns about students' learning problems, psychic overload and illness.

Keywords: Professors; Strike; Welfare.

Introdução

A realização de greves, por muitas décadas, não era vista como meio de reivindicação válido; mas sim como uma prática condenada, sendo até mesmo prevista como conduta criminosa, que atentava à sociedade e à segurança nacional, obstaculizando o crescimento do país através do trabalho (Rebêlo, 2019). A Lei 7.783/89 conceitua e regulamenta as disposições concernentes à greve e ao seu exercício, conforme esclarece em seu artigo 2º, como sendo “[...] a suspensão coletiva, temporária e pacífica, total ou parcial, de prestação pessoal de serviços a empregador”. Porém, a aplicabilidade era restrita somente aos trabalhadores e empregados na esfera privada.

Considerando o atual contexto de lutas sociais, diversos trabalhadores, incluindo da esfera pública e privada, buscam a efetivação de garantias previstas na Constituição por intermédio de movimentos grevistas. Entretanto, houve a oportunidade para o surgimento de outra problemática: a da extensão das normas para os servidores ou empregados públicos (Rebêlo, 2019).

Os docentes de universidades públicas estão inclusos como servidores públicos, aqueles nos quais as relações de trabalho são regidas por um Estatuto. Assim, para reivindicar determinadas transformações, as greves passam a ser vistas como uma das poucas alternativas de visibilidade por parte dessa categoria profissional.

No tocante às greves envolvendo docentes, universitários ou não, se verificam os conflitos onde, de um lado, são reivindicados os direitos sociais de toda a coletividade atingida e, de outro, a defesa de interesses de uma classe ou categoria profissional. Nesse sentido, ao

reivindicar mudanças positivas para o exercício da sua profissão, os docentes buscam solucionar problemas no déficit de recursos materiais, nas condições de trabalho, na intensa evasão das salas de aula e na sobrecarga de suas atividades (Silva, 2018).

A interferência no gozo normal das férias, a mercantilização do trabalho docente materializado, a desvalorização do docente, o atraso dos semestres, o sucateamento da universidade, dentre outros aspectos que dificultam a conservação do bem-estar dos docentes, tornam a profissão uma escolha difícil de ser exercida e transformam-na em algo doloroso, considerada não mais um símbolo de reforma e esperança (Oliveira, Pereira & Lima, 2017). A situação vivenciada pelo docente cria um dilema constante em sua profissão, dividido entre o anseio da prática docente e a necessidade de melhorias advindas do seu contexto de trabalho.

Nesse contexto, o presente estudo possui como problematização a seguinte questão: quais as influências das greves no bem-estar do docente em Instituições de Ensino Superior? Dada à importância do docente para o ensino público superior de qualidade e a disseminação nacional das greves nas instituições de ensino superior, o objetivo geral da presente pesquisa é compreender a influência das greves no bem-estar do docente em Instituições de Ensino Superior (IES) e, dessa forma, expor uma situação bastante recorrente nos últimos tempos nas universidades.

São oferecidas as seguintes contribuições a este campo de pesquisa: 1) elencar as consequências percebidas pelo docente, no que concerne a sua atuação em contexto de greve; 2) identificar as mudanças que as greves provocam no cotidiano dos docentes; e 3) especificar como os docentes percebem o impacto da greve sobre os discentes.

Metodologia

A presente pesquisa se constituiu a partir de uma perspectiva qualitativa e exploratória. O estudo qualitativo investiga, no mundo dos significados das ações e relações humanas, uma abordagem não perceptível e não captável por equações, médias e estatísticas (Augusto, Souza, Dellagnelo & Cario, 2013). A abordagem qualitativa foi utilizada tanto nas técnicas de coleta, quanto nas técnicas de análise das informações coletadas no campo.

Mendes (2007) considera que a experiência do trabalho é um modo de apropriação de si, de se transformar e também de expandir a subjetividade, por isso, é importante saber como acontece a transformação do sujeito pelo trabalho e como se dá a mobilização do sujeito para engajar-se em seu trabalhar, o que exige, também, a análise das contradições provenientes de

suas narrativas. Dessa forma, para a melhor compreensão do sujeito, foram realizadas cinco entrevistas com docentes de duas instituições de ensino superior público.

Inicialmente, na entrevista, foram realizadas perguntas introdutórias sobre o tema, seguidas da apresentação de um elemento-estímulo. A técnica caracteriza-se como “algo” (palavra, frase afirmativa, preposição) propulsor da fala do entrevistado, podendo ser consideravelmente amplo, e igualmente focalizado, servindo de eixo para entrevista (Araújo, Batista-dos-Santos, Alencar & Teles, 2020).

O referido elemento-estímulo utilizado na entrevista foi à expressão “GREVE NA UNIVERSIDADE”, exposta em uma folha diante do entrevistado, o qual foi orientado a falar livremente sobre a expressão. Após a revelação do elemento-estímulo, foi dada continuação ao roteiro da entrevista, sendo este roteiro semiestruturado, de modo a nortear a entrevista, contribuir para que a mesma fluísse conforme os objetivos iniciais da pesquisa, e favorecer a busca por conexões no diálogo a respeito dos objetos do estudo.

As entrevistas foram realizadas nos locais de trabalho dos professores, priorizando ambientes onde a entrevista fluísse sem muitas interrupções, acarretando o melhor entendimento da entrevista. Convém salientar que foram apresentados aos sujeitos, antes do início das entrevistas, os documentos protocolares da pesquisa: termo de consentimento e termo de confidencialidade. A tabela 1 apresenta, mais detalhadamente, os perfis dos profissionais docentes entrevistados:

Tabela 1. *Dados dos Entrevistados*

CÓDIGO	GÊNERO	IDADE	TEMPO COMO DOCENTE	CURSO EM QUE LECIONA	INSTITUIÇÃO
A1	F	44	15 anos	Administração	Alfa
A2	F	46	25 anos	Serviço Social	Alfa
A3	M	65	20 anos	Administração	Alfa
A4	M	36	9 anos	Engenharia Ambiental Licenciatura em Química	Beta
A5	F	46	30 anos	Licenciatura em Química	Beta

Para o tratamento dos dados coletados, recorreu-se à técnica de Análise dos Núcleos de Sentido – ANS desenvolvida por Mendes (2007). Segundo a autora, tal método constitui-se na

segmentação do texto em núcleos de sentido, estruturados a partir dos temas psicológicos que se sobressaem nos discursos, auxiliando o processo de análise e interpretação dos resultados.

O conteúdo das entrevistas foi transcrito, fichado e segmentado em unidades de contexto (trechos mais relevantes da narrativa) com o auxílio do software Atlas.ti versão 7. Em seguida foram identificados os núcleos de sentido contidos nessas unidades de contexto. Esses núcleos constituem-se de palavras ou expressões, as quais, quando removidas da narrativa, retiram do discurso sua essência. Após a seleção dos núcleos de sentido estes foram agrupados em temas conforme sua similaridade.

Os temas obtidos da narrativa totalizante foram submetidos a três critérios de validação. O primeiro critério corresponde a representatividade, expressa pela relação entre o quantitativo de entrevistados cuja fala está presente no tema e a quantidade total de sujeitos escutados. O segundo meio de validação constitui-se na consistência interna dos temas, ou seja, a quantidade de unidades de contexto presentes no tema frente a totalidade destas unidades. O terceiro e último critério corresponde a validação por pares. Os temas foram submetidos a análise de pesquisadores da área para julgar a adequação dos núcleos de sentido ao tema. Foram excluídos temas com representatividade inferior a 70%, consistência interna menor que 10% e que não foram julgados aptos por qualquer dos pares.

Análise e Discussão dos Resultados

Esta seção apresenta a análise e discussão dos temas identificados a partir da categorização das falas dos profissionais entrevistados. São eles: i) Representações sobre o Trabalho Docente; ii) Representações sobre os Discentes; iii) [Opiniões sobre] greve; iv) Dificuldades; v) Adoecimento.

Representações sobre Trabalho Docente

Os professores possuem um papel importante no processo social e produtivo, desempenhando atividades de auxílio interpessoal e dedicando-se ao processo de aprendizagem dos alunos (Cruz & Lemos, 2005). Para a professora A1, a docência não se resume a ministrar conteúdos, mas também envolve o desafio de motivar e despertar o interesse dos alunos para o aprendizado: “na verdade, a docência não é somente ensinar, não é somente trabalhar uma disciplina, uma temática teórica. O grande desafio da docência é motivar, é incentivar”.

Ademais, a relação dos docentes com os estudantes e colegas de profissão foi ressaltada como basilar, conforme narrado pelo professor A3: “mesmo me preparando, a atividade de docência é uma atividade que se caracteriza pelo contato direto do professor com aluno, é da própria natureza da atividade”. Tal vínculo, segundo Cook et al. (2018), é de extrema importância para o docente, especialmente de forma afetiva, bem como o alcance da satisfação com os resultados alcançados através do processo de aprendizagem dos estudantes.

A docência também foi definida por alguns entrevistados como um trabalho de influência social e política, foi o caso da professora A5, que acredita na responsabilidade do professor como formador humano do discente: “É uma tarefa política e social. O trabalho do professor é tentar reproduzir no sujeito a humanidade, como uma forma de reivindicação, conclamação, de reinventar o sujeito”. A afirmação supracitada reforça o exposto por Kohli (2019) e Özdemir (2018) que apontam os professores, de fato, como sujeitos importantes, socialmente e politicamente.

Outro aspecto interessante foi o destaque proferido, por parte dos docentes, aos seus antigos formadores, tendo-os como referência, como relatado por A2: “foi pensando em como eu aprendi, em como eram esses professores, em quem era o melhor professor para mim, que eu fui construindo a minha prática docente”. No mesmo sentido, outros professores apresentaram narrativas similares ao exposto por A2, como, por exemplo, A4 que considera a docência “uma das profissões mais importantes [...] eu tive excelentes professores que me encorajaram, e a partir daí, eu tive essa visão e me engajei nessa área, docência”, corroborando com os autores Lima, Santos, Póvoa e Pinho (2020) que destacam a influência dos aspectos vividos ao longo da formação do docente em seu trabalhar, bem como na construção subjetiva da identidade.

De fato, observou-se que o exercício do trabalho docente é permeado por responsabilidades e satisfações para muitos sujeitos, conforme se orgulha A5: “Eu respiro à docência em sua plenitude. Não é algo que todo mundo faz. É a minha vida. Se é a minha vida, eu mergulho”. Nesse sentido, mediante a organização do trabalho, o sujeito constrói sua subjetividade (Silva & Piolli, 2017).

Representações sobre os Discentes

No tocante aos discentes, especialmente diante de greves, as professoras A1 e A2 narraram que os alunos sofrem grandes perdas, como oportunidades de trabalho e na qualidade do ensino, impactando diretamente no resultado do trabalho do professor e, conseqüentemente,

na sua satisfação, visto que o próprio docente é impedido de mobilizar plenamente sua inteligência, além de interferir na captação do reconhecimento (Rodrigues, Perez & Brun, 2020).

A1: O prejuízo de tentar recuperar um semestre interrompido pela metade e recuperar o andamento das aulas na normalidade leva tempo, então, nós não temos só o prejuízo do período de greve, existe o prejuízo também pós-greve, tem aluno que ainda está voltando para a universidade depois de um mês de greve.

A2: Vejo que a greve é uma necessidade, mas ela gera muito prejuízo, como: transferência de alunos; não prestar vestibular para a Alfa porque já sabe que pode ter greve e vai demorar mais na formação; etc. Nós temos uma evasão muito grande por conta das greves [...] mas eu não vejo outra forma, atualmente, que não seja essa resistência cotidiana. Acho que no extremo é decidir ir para a greve.

É possível notar que as greves são apresentadas como importantes para que os trabalhadores possam garantir e reivindicar os seus direitos obstruídos pelo governo. No entanto, elas também inviabilizam a continuidade dos estudos a muitos estudantes, especialmente dos que necessitam de estímulos contínuos, pois, por vezes, os professores acabam exercendo a função dos pais na busca pelo engajamento e melhoria do desempenho dos alunos (Sheridan et al., 2017).

É perceptível, na fala dos entrevistados, que a greve provoca uma deterioração da imagem da universidade pública frente aos alunos que respondem, em alguns casos, com a evasão e a exclusão dessas universidades no seu rol de escolhas no momento do vestibular. Essa imagem negativa afeta também os professores que podem se sentir cada vez mais solitários com as salas vazias e constrangidos ao ouvir falar mal de sua instituição. Nesse cenário, o bem-estar docente é vilipendiado e a qualidade de vida no trabalho comprometida (Piovezan & Ri, 2019; Tundis & Monteiro, 2018).

As opiniões se dividem quando o assunto é o processo de aprendizagem dos discentes, pois, segundo A1, muitos alunos não veem na universidade a oportunidade de crescer e se desenvolver, além de dificuldades pessoais apontadas por A5, ligadas às características socioeconômicas.

A1: Na verdade, hoje me preocupo com a ideia de o aluno não ver na universidade as possibilidades de crescimento, isso é uma problemática grande. Só nós vamos resolver, trazendo o aluno para dentro de sala de aula e tentando fazer com que as disciplinas dos

próprios cursos transcendam a questão de sala de aula e dê a eles essa possibilidade, essa visão de crescimento.

A5: Isso vai causar um rebatimento no aluno, na vida dele e de uma forma geral das licenciaturas, que é o meu caso, onde estou alocada. Então são alunos pobres, dificilmente você vai encontrar algum que tenha poder aquisitivo melhor na licenciatura. Eu fui aluna, eu sei o que é isso.

Considerando uma perspectiva positiva acerca do processo de aprendizagem dos discentes, a mesma foi identificada em apenas uma narrativa docente, onde A3 salientou a ocorrência de cobranças, por parte dos alunos, sobre o conteúdo ministrado em sala de aula e a forma como é transmitido.

A3: Na Alfa, tanto na graduação, quanto na pós-graduação, pelo menos no universo em que atuo, a qualidade dos alunos é muito boa e isso não é problema [...] existe cobrança dos alunos quanto ao horário, quanto a forma de como você repassa o conteúdo, quanto ao mecanismo de avaliação, quanto aos questionamentos em relação aos assuntos que você estuda.

Outro aspecto importante ressaltado pelos entrevistados, como A3, foi o prazer gerado pelo exercício de lecionar, principalmente quando reconhecem o impacto do seu trabalho através dos discentes. No contexto de greve, o bem-estar decorrente da prática docente é interrompido e os professores ficam cada vez mais expostos ao desequilíbrio emocional decorrente do aumento de vivências de sofrimento *versus* a escassez de experiências prazerosas (Rates & Leda, 2018; Silva & Roazzi, 2020).

A3: É algo que gera muita satisfação, é algo que te leva a um sentimento de realização muito grande, não existe nada melhor do que você terminar uma aula, seja na graduação ou na pós-graduação, e você sentir, na atitude dos alunos, na expressão daquilo que eles dizem, que estão satisfeitos com o que foram capazes de receber, que aquele conhecimento e informação que você discutiu será de grande utilidade para eles.

As vivências de prazer mostram-se essenciais para a continuidade saudável do exercício da docência, moderando a emergência de vivências sofridas, pois, segundo Deng et al. (2018), os docentes podem sofrer psicologicamente por não darem atenção suficiente aos seus alunos, mas também por podem sofrer por dar atenção demais, o que se torna um sentimento de culpa.

[Opiniões sobre] Greve

A partir das narrativas dos entrevistados foi possível perceber o quanto a greve atinge, de diferentes formas, o docente. Pondo em perspectiva os diferentes relatos, foi possível perceber contrastes entre os docentes, como, de um lado, A3 afirma: “não sou contra a greve, porque é um direito legítimo e inalienável do trabalhador, mas não tem tido minha concordância, tanto que nunca fiz greve na universidade”, enquanto, por outro lado, A5 defende que “greve na universidade é urgente e necessária por tudo isso que estamos vivendo”.

A narrativa de A3 sugere que o entrevistado, apesar de concordar com a legitimidade da greve, percebe uma fragilidade do movimento, provavelmente, ligada a uma descrença na efetividade da greve, razão que pode estar estimulando o entrevistado a não aderir o movimento. Essa descrença desmotiva o trabalhador docente e desperta nele o sentimento de impotência frente as dificuldades do seu contexto de trabalho. Situações como essa inibem o bem-estar dos docentes (Anjos, Martins & Pignata, 2019; Kunzle, Ribeiro, Zanin & Lima, 2020).

De fato, segundo Silva (2018), a greve pode ser considerada um estorvo para alguns, entretanto, é um meio essencial para conquistar e melhorar os descasos existentes para um ensino superior público satisfatório e de qualidade. Além disso, apesar das discordâncias, os entrevistados concordaram que as greves geram impactos e perdas para si, para os discentes e para as instituições. Essas perdas favorecem o aumento da sensação de mal estar dos docentes.

Nesse sentido, é possível perceber a frustração de alguns profissionais diante das greves, pois não se sentem representados pelas mesmas, conforme aponta E5: "na verdade, vamos para as greves porque não temos outra opção”, além de as caracterizarem como improdutivas, como narrado por E4: “bom, não é nada produtivo, porque foi uma greve que ficamos parados e não teve, realmente, o que nós estávamos esperando. Então acabou sendo improdutivo”. Han (2015) destaca o desejo do indivíduo de sempre buscar a alta produtividade para alcançar o bem-estar.

Na contemporaneidade, a frequência com que os professores e alunos vivenciam experiências de insatisfação é constante, principalmente diante das greves, pois as paralisações acabam prejudicando e interrompendo as aulas, o que dificulta a relação ensino-aprendizagem (Fonseca, Souza & Costa, 2018). Com isso, forma-se um cenário em que o homem se opõe à organização do trabalho e a emergência de vivências sofridas é favorecida, pois, para Dejours (2018), a insatisfação relacionada ao próprio significado da tarefa produz um sofrimento em que o ponto de impacto é, primordialmente, mental, em objeção ao sofrimento resultante do objeto ergonômico da tarefa. Esse sofrimento decorre do sentimento de mal-estar presente nos

contextos laborais contemporâneos, marcados pela busca incessante de auto realização de um lado, e por outro, acometido por diversas frustrações (Han, 2015).

Infelizmente, as greves acabam ocorrendo por tempo indeterminado e, conseqüentemente, os docentes param de ministrar suas aulas para estimular a negociação dos direitos exigidos pelo grupo (Fonseca et al., 2018). No decorrer desse período, não somente os professores e alunos são afetados, mas também as instituições, pois ocorre um desgaste da imagem da universidade frente à sociedade, e a descrença na instituição diante a desestabilização dos semestres em andamento (Anjos et al., 2019), fato reforçado na narrativa de A1:

A1: “Trágico! Trágico para a universidade como estrutura física, porque ela ficou abandonada, sem manutenção, sendo sucateada mais ainda, um prejuízo enorme para os professores, porque os professores ficaram distantes, desmotivados, sem nenhuma relação de trabalho, isso causou até um descrédito do próprio.”

O descrédito supracitado por A1 revela outro forte atributo das greves, o fato de serem vistas com maus olhos por parte da sociedade. Diante disso, a responsabilidade da evasão das salas de aulas, baixo rendimento dos estudantes e prolongamento da greve, recai sobre os docentes. Nesse contexto, o bem-estar docente parece uma realidade distante, haja vista a impossibilidade desses trabalhadores de desempenharem suas atividades com autonomia, baixa interrupção e condições adequadas de segurança, saúde e ergonomia (Anjos et al., 2019; Mendes, 2007; Perez, Brun & Rodrigues, 2019).

Nessa conjuntura, não existe um consenso entre os docentes quando o assunto é greve. Há os que veem as greves como esperança de mudança, conquistas de direitos e investimentos; e há os que acreditam que as greves são um meio pouco efetivo para a conquista de direitos, além de afetarem, negativamente, o bem-estar docente e a relação ensino-aprendizagem junto aos alunos.

No entanto, nota-se que os professores reivindicam seus direitos para poderem exercer seus deveres com excelência e qualidade. De acordo com Silva (2018), os docentes buscam o reconhecimento e a valorização da sua profissão, tendo em vista que o papel do professor na sociedade é importantíssimo para a construção da própria cidadania.



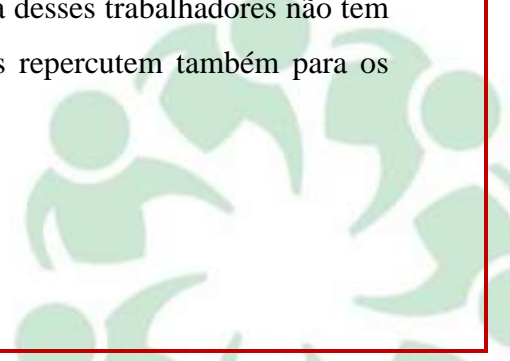
Dificuldade

O presente estado do ensino superior nas instituições públicas brasileiras, mesmo com a dedicação dos profissionais da educação, acaba se direcionando para uma condição habitual de dificuldades. Diante da precarização do trabalho docente, observa-se a ocorrência de baixos investimentos na educação superior, tanto em infraestrutura como em remuneração, além do pouco reconhecimento social do próprio trabalho, resultando no aumento dos efeitos do desgaste físico e psicológico, podendo, em casos mais extremos, levar ao abandono da profissão (Cruz & Lemos, 2005).

O sujeito A2 relatou uma situação em que os baixos investimentos na instituição levaram às dificuldades na execução do seu trabalho. Essas dificuldades colaboram para a elevação dos episódios de greve. Os docentes encontram-se encurralados quando suas reivindicações não são escutadas pela administração pública. Mesmo conscientes das vivências de sofrimento e mal-estar que se originam quando se instaura o movimento grevista, os docentes optam por se expor a essas experiências negativas ante a falta de outros recursos para exigir melhores condições de trabalho:

A2: A docência como a nossa vida ela vai ficando mais complexa, a gente tem que dar conta de uma formação que nem sempre é institucionalizada. A gente tem que dar conta de um cotidiano, de uma infraestrutura que às vezes não dá. Por exemplo [...] preparei minha aula, reservei uma semana antes o data show, mas cheguei aqui e o data show estava sem cabo [...] eu disse: “não tem problema”, coloquei algumas coisas no quadro e fui desenvolvendo, mas tem problemas infra estruturais, como a sala que não comporta todo mundo, problema de acústica.

Ademais, a dificuldade no exercício da atividade docente, especialmente no tocante às condições de trabalho, já está normalizada no cotidiano dos profissionais, conforme apontam os docentes A3 e A5. Conforme supracitado os docentes vivem um constante pêndulo entre bem-estar e mal-estar. Os docentes se submetem ao sofrimento proveniente das greves na expectativa de atingirem melhores patamares de qualidade de vida no trabalho (Tundis & Monteiro, 2018). Ademais, faz-se necessário destacar que a luta desses trabalhadores não tem caráter puramente individualista, pois os benefícios almejados repercutem também para os discentes (Rates & Leda, 2018).



A3: É raro encontrar no Brasil uma universidade pública que não tenha essa ambientação, e isso dificulta dar aula na sala de aula, em que faz muito calor, inclusive. E quando chove, as janelas estão quebradas e você não pode fechar.

A5: A grande dificuldade é a miséria material, e na miséria humana produzida por essa miséria material.

Outro grande impasse que faz parte do cotidiano docente, especialmente em períodos de greve, é a insegurança no ambiente de trabalho, preocupação manifestada, por exemplo, na fala de A3. A falta de segurança, somada aos outros fatores já mencionados, corrobora o afastamento da sensação de bem-estar dos docentes, evocando o sentimento de medo. Nesse contexto, o relato dos entrevistados revela, ainda, o abandono desta categoria profissional por parte do poder público:

A3: Nessas horas eu conversava com ele também: vocês tão se achando seguros de vir para cá? Porque aí já era outra questão que estava em jogo, era a questão da segurança deles, tanto que nesse período de greve nós paralisamos as aulas por duas semanas enquanto as questões eram resolvidas.

Convém salientar que a falta de um setor pedagógico nas instituições em questão, as quais poderiam ser fonte de apoio e de instruções aos docentes, também foi destacada como uma relevante dificuldade, pois os profissionais se sentem desamparados em determinadas situações. Percebe-se que a própria administração das universidades dificulta as vivências de bem-estar do docente, deixando esses profissionais sem assistência e sujeitos a diversos constrangimentos:

A2: Se a gente tivesse um setor de ensino pedagógico que desse suporte a essas dificuldades que a gente tem com aluno, que tem pouca leitura, que hoje em dia tem muito mais contato com mais redes sociais... perde um tempo, se cansa, né?

Logo, da mesma forma que relatam o prazer da profissão e do relacionamento com os alunos, os professores também indagam que se sentem solitários, sem apoio pedagógico ou afetivo para solucionar dúvidas ou problemas que se deparam, e que, muitas vezes, despertam sentimentos, como, perda, frustração e impotência (Tahir, Thakib, Hamzah, Said & Musah, 2017).

Além disso, o trabalho docente é uma atividade que vem se intensificando gradualmente, o que faz com que, principalmente na modernidade, os professores sejam alvos de constante pressão. Assim, os docentes relatam a dificuldade de conviver com a pressão e a frustração ao não conseguir realizar todas as atividades previstas em seu cargo:

A3: Essa é uma pressão difícil de conviver, pois, a iniciação científica é algo que deriva da sua capacidade de criação, e isso depende muito da qualidade e quantidade de alunos que você orienta. Em muitas situações você não consegue atingir essa cota de produção por uma série de fatores que você não exerce o controle.

O cenário de frustração supracitado pode ser uma porta para o sofrimento dos docentes. Ademais, a emergência de vivências sofridas pode ser percebida também na narrativa de A2, no que se refere ao desafio de administrar as responsabilidades profissionais e pessoais:

A2: Ontem eu estava com meu filho doente, mas eu liguei aqui para a biblioteca, entrei em contato com uma banca que tinha que funcionar hoje, eu passei os e-mails, então, assim, é uma série de coisas. E a casa bagunçada, tendo que fazer o almoço, tendo que fazer um lanche para o filho, tendo que dar os remédios, e, ao mesmo tempo, responder essas demandas.

O trabalho excessivo, o estresse e a redução do tempo direcionado para o lazer e a família são, conseqüentemente, acompanhados por elementos subjetivos, diretamente opostos aos do orgulho, prestígio e poder dos professores-pesquisadores (Heloani & Silva, 2009; Rates & Léda, 2018). A sobrecarga é notória em diversos relatos, como no de A3:

A3: Controlar a frequência dos alunos, ter que avaliar os alunos, ter que passar o conteúdo programático, etc. Fora os alunos que estão aqui, cobrando, querendo resultados, querendo que você passe e repasse esse conteúdo da melhor maneira possível, o que exige de você uma permanente atualização. Então, essa pressão de ambos os lados, ela termina levando a um sofrimento psíquico, que é natural. A grande questão é como lidar com isso. É como você equilibra essas pressões em função das suas limitações e potencialidades.

Logo, observa-se que a pressão advém de diversas fontes, como do próprio sujeito, dos alunos e das instituições. Para Dejours (2018), o sofrimento se inicia à medida que a relação homem-organização do trabalho está bloqueada, levando o trabalhador a recorrer ao extremo de suas faculdades intelectuais e psicoafetivas de aprendizagem e de adaptação. O autor ressalta

que não são tanto as exigências psíquicas/mentais do trabalho que ocasionam os sofrimentos, mas a certeza de que o grau ocorrido de insatisfação não pode mais ser amenizado.

Entretanto, foi possível perceber nas falas que alguns professores que, mesmo diante das dificuldades vivenciadas diariamente no ambiente de trabalho, muitos acabam desenvolvendo estratégias de defesa para lidar com as vivências desafiadoras, como identificado na narrativa de A3 que alcançou, em alguns momentos, até mesmo o sentimento de satisfação:

A3: Essas pressões te levam a esse sofrimento psíquico, mas, se por um lado é algo que gera estresse, por outro, é algo que gera muita satisfação, é algo que te leva a um sentimento de realização muito grande.

Logo, por vezes, alguns sujeitos confundem seus próprios desejos com a obrigação organizacional que toma lugar do seu livre arbítrio. De tal maneira, o sujeito acaba tolerando tudo e sumindo com seus próprios interesses (Lemos, 2011). Apesar das dificuldades vivenciadas pelo docente, que o empurram de encontro com o sofrimento, a frustração e o mal-estar; esses trabalhadores encontram, em meio as adversidades, motivos para seguir em frente com confiança e satisfação. Essa sensação de realização proveniente do dever cumprido e da superação dos obstáculos elevam o bem-estar desses profissionais (Pinto, Goes, Katrein & Barreiro, 2013).

Adoecimento

Conforme visto anteriormente, o exercício da docência é envolto por vivências de prazer e de sofrimento. No entanto, as vivências de sofrimento, quando potencializadas, podem acarretar adoecimento dos sujeitos que, de acordo com A2 e A3, é algo que está se tornando comum na profissão, bem como as doenças já largamente disseminadas dentro âmbito acadêmico, como a *Síndrome Burnout* e o *Stress* recorrente, relatadas a seguir:

A2: Eu vejo que o adoecimento docente está cada vez mais presente. Tem professores com síndrome do pânico, já teve professores que se operaram de câncer, teve professor que teve infarto em sala de aula... Eu, particularmente, comecei a olhar para a minha saúde agora.

A3: O professor adoce muito, a Síndrome de Burnout é uma realidade em nossa profissão.

A conjuntura atual de trabalho em que o professor universitário está inserido se estabelece como um aspecto que pode contribuir para o seu adoecimento psíquico. Embora o trabalho seja, por um lado, um local de reafirmação da autoestima, do desenvolvimento de habilidades e de expressão das emoções, por outro lado, também pode viabilizar patologias que comprometem a saúde física e mental (Ferreira-Costa & Pedro-Silva, 2018).

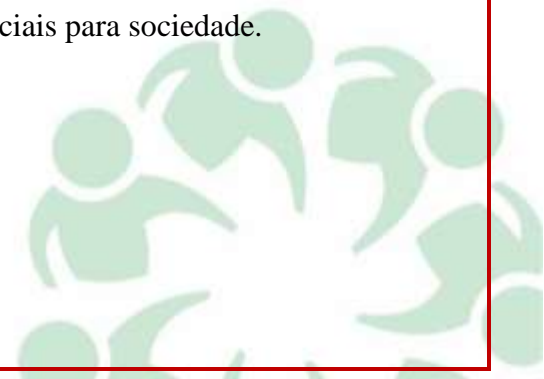
Apesar das elevadas cargas psíquicas associadas ao trabalho docente não serem novidade, os índices atuais de adoecimento psíquico chegaram a estágios nunca vistos antes, ocasionados pelas crescentes exigências e pelo aumento das responsabilidades dos docentes (Machado, Santos & Silva, 2020). Dessa forma, pode-se perceber o esgotamento psíquico e físico do professor a partir da fala de A2:

A2: Eu acredito que a gente tenha energias, que a gente materializa no corpo e adocece. Então esse monte de pedra que está dentro de mim é muito sentimento que se solidificou ali e que agora eu vou ter que resolver na base da cirurgia algumas né? Então eu vejo que afeta diretamente.

Outro importante fato identificado ao longo das narrativas foi a existência da negação como estratégia de enfrentamento (Barros & Mendes, 2003) perante às possibilidades de adoecimento, como no relato de A3:

A3: Eu, como já sou uma pessoa mais madura, já dou aula há muitos anos, consigo lidar com isso de uma forma em que eu não adoço [...] eu não sou acometida da Síndrome de Burnout pela minha experiência e pelos cuidados que eu tenho a relação a isso, e até pelo mecanismo de defesa que encontrei para me defender. Consigo conviver com isso, conviver sem adoecer, mas não deixa de ser um fator de estresse que tem que ser contornado com muito cuidado.

Segundo Freitas (2015), o docente possui uma necessidade de negação do sofrimento, percebendo-o como um contraponto ao prazer, confirmando sua presença ao ocorrer da negação. Ante o exposto, os docentes vivenciam tempos difíceis no exercício de sua profissão, mostrando serem inúmeros os desafios, mesmo diante do prazer de, conforme aponta Cruz e Lemos (2005), os professores serem vistos como sujeitos essenciais para sociedade.



Conclusão

A análise das narrativas dos entrevistados permitiu a identificação de cinco temas que auxiliam na compreensão do objeto de estudo e na solução da questão de pesquisa. Entre esses temas, destaca-se [Opiniões sobre] Greve, em que os sujeitos se dividiram entre os que concordam com a greve e os que discordam da abordagem e das reivindicações de algumas delas. Nesse tema prevalece o sentimento de frustração com a ineficácia do movimento grevista ou mesmo com a representação, já que alguns entrevistados não se sentem participantes nas decisões tomadas durante o movimento grevista.

O tema Representações sobre os Discentes evidencia as preocupações constantes que os docentes possuem em relação ao prejuízo sofrido pelos alunos no processo ensino-aprendizagem, afetando negativamente a subjetividade desses professores. Quanto ao tema Dificuldades, os profissionais expõem os desafios encontrados na docência, principalmente durante o período de greve, como a infraestrutura precária, falta de recursos e insegurança.

No que tange aos temas Adoecimento e Percepções sobre o Trabalho Docente, estes abordaram situações em que o indivíduo foi acometido pelas consequências decorrentes da greve, especialmente por pressões. Entre os fatos narrados, evidencia-se o adoecimento do professor em face da sobrecarga psíquica despejada sobre o sujeito, seja em face do acúmulo de atividades e situação precária no período regular, seja pela culpabilização sofrida quando protesta por condições mais dignas de trabalho.

Assim, a análise e discussão das narrativas conduziu para a compreensão de que o bem-estar docente vem sendo dilapidado paulatinamente. As instituições de ensino carecem de maior atenção e cuidado com esses profissionais, não fornecendo recursos físicos, financeiros ou pedagógicos, o que, conseqüentemente, causa prejuízo à qualidade do ensino recebido pelos discentes. O movimento grevista é tomado como prática egoísta e abusiva que gera apenas danos à educação e não é percebido pelo seu caráter emancipatório, necessário para compensação das dificuldades do cotidiano de trabalho e para afastar a alienação do trabalhador.

Esse cenário interfere nas percepções de realização e autonomia profissional dos docentes e mascara os frutos do seu labor, pois os discentes e a comunidade acadêmica apenas pontuam os prejuízos decorrentes da conclusão tardia dos cursos em face do movimento grevista, esquecendo (omissivo ou dolosamente) o papel que esses trabalhadores-docentes desempenharam na formação de novas gerações de profissionais nos mais diversos e variados campos.

A falta desse reconhecimento prejudica a construção da identidade e favorece o surgimento de patologias psíquicas, as quais os docentes encontram-se desamparados institucionalmente, pois carecem as IES de planos e projetos de apoio aos professores acometidos por doenças como *Burnout*, depressão e ansiedade. Espera-se que esse trabalho constitua um alerta aos gestores da educação superior e motive pesquisas futuras sobre o bem-estar desse profissional em diversos contextos e situações, de modo a complementar a compreensão desse objeto tão amplo e complexo: o trabalho docente.

REFERÊNCIAS

- Anjos, A. P. S. P., Martins, N. S., & Pignata, E. K. A. A. (2019). A evasão nos cursos de licenciatura da UNEB e os impactos na formação docente no oeste da Bahia. *Momento: diálogos em educação*, 28(1), 367-380.
- Araújo, A. A., Batista-dos-Santos, A. C., Alencar, A. V. C., & Teles, P. A. S. (2020). Metodologia para Pesquisa sobre Trabalho Docente em Contextos Inovativos de Ensino à Distância à Luz da Psicodinâmica do Trabalho. *EaD em Foco*, 10(2), e950.
- Augusto, C. A., Souza, J. P. D., Dellagnelo, E. H. L., & Cario, S. A. F. (2013). Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011). *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 51(4), 745-764.
- Barros, P. C. D. R., & Mendes, A. M. B. (2003). Sofrimento psíquico no trabalho e estratégias defensivas dos operários terceirizados da construção civil. *Psico-USF*, 8, 63-70.
- Brasil. (1989). *Lei nº 7.783, de 28 de junho de 1989*. Dispõe sobre o exercício do direito de greve, define as atividades essenciais, regula o atendimento das necessidades inadiáveis da comunidade, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2020]. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17783.HTM
- Cook, C. R., Coco, S., Zhang, Y., Fiat, A. E., Duong, M. T., Renshaw, T. L., & Frank, S. (2018). Cultivating positive teacher–student relationships: Preliminary evaluation of the establish–maintain–restore (EMR) method. *School Psychology Review*, 47(3), 226-243.
- Cruz, R. M., & Lemos, C. J. (2005). Atividade Docente, Condições de Trabalho e Processo de Saúde. *Motrivivência*, 17(24), 59-80.
- Deng, L., Zhu, G., Li, G., Xu, Z., Rutter, A., & Rivera, H. (2018). Student teachers' emotions, dilemmas, and professional identity formation amid the teaching practicums. *The Asia-Pacific Education Researcher*, 27(6), 441-453.
- Dejours, C. (2018). *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. 6.ed. São Paulo: Cortez Editora.

- Ferreira-Costa, R. Q., & Pedro-Silva, N. (2018). Ansiedade e depressão: o mundo da prática docente e o adoecimento psíquico. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 23(4), 357-368.
- Fonseca, Souza & Costa, (2018). Impacto da greve dos professores para a evasão dos alunos do curso de administração na UFAM. *Revista CESUMAR*, 23(1), 99-111.
- Han, B.-C. (2015). *A sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes.
- Heloani, R., & Silva, E. P. (2009). Gestão Educacional e Trabalho Docente: Aspectos Socioinstitucionais e Psicossociais Dos Processos De Saúde-Doença. *Revista HISTEDBR*, 33, 207-227.
- Kohli, R. (2019). Lessons for teacher education: The role of critical professional development in teacher of color retention. *Journal of Teacher Education*, 70(1), 39-50.
- Kunzle, L. A., Ribeiro, M. M., da Conceição Zanin, F., & de Lima, B. R. (2020). Reflexos do modelo de pós-graduação na saúde docente. *Trabalho (En) Cena*, 5(1), 196-212.
- Lemos, D. (2011). Trabalho Docente nas Universidades Federais: tensões e contradições. *Caderno CRH*, 24(spe), 105-120.
- Lima, A. M. F. D., da Silva Santos, J. A., da Silva Póvoa, L. G., & de Pinho, M. J. (2020). Identidade docente: Da subjetividade à complexidade. *Brazilian Journal of Development*, 6(6), 33078-33092.
- Machado, G. C., Santos, A. M., & Silva, R. S. (2020). Trabalho docente: reflexões sobre a saúde e o sofrimento psíquico do professor. *Revista Prâksis*, 1, 16-30.
- Mendes, A. M. (2007). *Psicodinâmica do trabalho: Teoria, Método e Pesquisa*. Casa Psi Livraria, Editó e Gráfica Ltda.
- Oliveira, A. D. S. D., Pereira, M. D. S., & Lima, L. M. D. (2017). Trabalho, produtividade e adoecimento dos docentes nas universidades públicas brasileiras. *Psicologia Escolar e Educacional*, 21, 609-619.
- Özdemir, Y. (2018). The views of prospective teachers on the political context of education and teachers' roles in the classroom. *Universal Journal of Educational Research*, 6(11), 2498-2508.
- Perez, K. V., Brun, L. G., & Rodrigues, C. M. L. (2019). Saúde mental no contexto universitário: desafios e práticas. *Trabalho (En) Cena*, 4(2), 357-365.
- Pinto, C. L. L., de Goes, R. I. G., Katrein, B., & Barreiro, C. B. (2013). Entre o bem e o mal-estar: a intensificação do trabalho docente no âmbito dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. *Educação Por Escrito*, 4(1), 44-58.
- Piovezan, P. R., & Ri, N. M. D. (2019). Flexibilização e intensificação do trabalho docente no Brasil e em Portugal. *Educação & Realidade*, 44 (2), 1-21.
- Queiróz, M. D. F. F., & Emiliano, L. L. (2020). Ser docente no Século XXI: o trabalho em uma universidade pública brasileira. *Revista Katálysis*, 23, 687-699.

- Rebêlo, F. C. (2019). A Greve e seus sentidos Político e Jurídico. *Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Uberlândia*, 47(1), 252-268.
- Rodrigues, C. M. L., Perez, K. V., & Brun, L. G. (2020). Pesquisa e intervenção no ensino superior. *Trabalho (En) Cena*, 5(1), 136-145.
- Sheridan, S. M., Witte, A. L., Holmes, S. R., Coutts, M. J., Dent, A. L., Kunz, G. M., & Wu, C. (2017). A randomized trial examining the effects of Conjoint Behavioral Consultation in rural schools: Student outcomes and the mediating role of the teacher–parent relationship. *Journal of School Psychology*, 61, 33-53.
- Silva, M. C. (2018). A greve dos professores universitários de 2012 e o REUNI: Uma análise da relação entre as políticas educacionais e as lutas dos professores. *Marx e o Marxismo - Revista do NIEP-Marx*, 6(11), 224-248.
- Silva, S. G., & Paiva, A. C. S. (2018). O pathos docente em narrativas: relações entre trabalho, subjetividades docentes e adoecimento psíquico. *Revista de Ciências Sociais: RCS*, 49(1), 535-577.
- Silva, A. V., & Piolli, E. (2017). A centralidade do trabalho na psicodinâmica de Christophe Dejours, o campo educacional e o trabalho docente: aproximações possíveis. *Devir Educação*, 1(1), 50-65.
- Silva, M. D., & Roazzi, A. (2020). Bem-Estar Subjetivo e Saúde Mental como Preditores da Inveja Docente em Instituições de Ensino Superior Públicas. *Revista FSA*, 17(5), 158-182.
- Rates, A. C. F., & Léda, D. B. (2018). “Pau pra toda obra”: as vivências de prazer e sofrimento no trabalho de professores substitutos de uma universidade federal. *Trabalho (En) Cena*, 3(3), 34-57.
- Tahir, L., Thakib, M. T. M., Hamzah, M. H., Said, M. N. H. M., & Musah, M. B. (2017). Novice head teachers’ isolation and loneliness experiences: A mixed-methods study. *Educational Management Administration & Leadership*, 45(1), 164-189.
- Tundis, A. G. O., & Monteiro, J. K. (2018). Ensino superior e adoecimento docente: um estudo em uma universidade pública. *Psicologia da Educação*, (46), 1-10.

	Contribuição dos Autores
Autor 1	Escrita: Primeira Redação
Autor 2	Escrita: Revisão e Edição
Autor 3	Curadoria dos Dados e Software
Autor 4	Investigação e Validação dos Dados.